

## GRAMÁTICA COGNITIVA FUNCIONAL: AS ABORDAGENS NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA DO LIVRO DIDÁTICO

Lívia de Lima Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral analisar se a abordagem gramatical no ensino de Língua Inglesa do livro didático se aproxima da abordagem gramatical centrada no uso, pois o ideal é diferente do real. Existem abordagens nos livros nas quais os alunos necessitam de um conhecimento externo para compreender o funcionamento da língua, assim como ocorre em relação à língua materna (português brasileiro) na qual os alunos são fluentes e possuem sensibilidades a determinados contextos sociais e a utilizam de modo sarcástico, irônico, formal e informal. O referencial teórico apresentado é baseado em Martelotta (2011), Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), os quais discutem acerca do Funcionalismo, que se preocupa em analisar a estrutura gramatical da língua e os diferentes contextos em que é usada. Essa pesquisa segue uma metodologia com abordagem qualitativa, de caráter descritivo, desenvolvida mediante a análise de alguns livros didáticos de língua inglesa. Além disso, pretendemos observar, caso encontrada, se a gramática centrada no uso é abordada de modo suficiente a complementar a percepção do aluno quanto aos contextos, tendo em vista que os frutos do ensino da Língua Inglesa não devem ser, de certa forma, “robotizados” ou destinados a um só ambiente. A fim de que o aluno se torne capaz de utilizar a língua estrangeira, assim como utiliza a língua materna. Nossa pesquisa constatou que a abordagem gramatical no ensino de Língua Inglesa do livro didático não se aproxima, em sua maioria, da gramática centrada no uso e que quando detectada, é exposta de maneira superficial. Mas, ainda assim, pode ser considerada uma porta aberta pela educação para que a Gramática Funcional trabalhe em conjunto com a Gramática Normativa.

**Palavras-chave:** Gramática, Funcionalismo, Língua Inglesa.

### INTRODUÇÃO

A investigação acerca da Abordagem Gramatical Normativa<sup>2</sup> e Funcional do livro didático no ensino de Língua Inglesa se trata do ponto central desta pesquisa, verificando o quanto da Gramática Funcional, ou Gramática Centrada no Uso, é facilmente exposta aos alunos, de modo que amplie os seus conhecimentos em relação a realidade da Língua Inglesa e contextos sociais em que é usada.

Visando entender a amplitude ou restrição existente no ensino de Língua Inglesa e os principais objetivos do mesmo em conforme a Base Nacional Comum Curricular (2017), onde

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, [lima.livia400@gmail.com](mailto:lima.livia400@gmail.com).

<sup>2</sup> Se trata de uma abordagem contida em regras e estruturas gramaticais preexistentes na língua.

está a lei que seleciona esta língua para ser estudada como língua estrangeira no Brasil em todas as escolas. Isso ocorreu por estarmos diante de um cenário em que a Língua Inglesa possui caráter e influência mundial. Seguindo essa linha de pensamento a BNCC (2017) preferiu defini-la como obrigatoriedade escolar a partir dos Anos Finais do Ensino Fundamental, atualizando a lei que mantinha sob à responsabilidade da escola, a escolha de uma Língua Estrangeira a ser estudada.

Levando em conta a valorização exposta na BNCC (2017), acerca dos objetivos de aprendizagem, incluindo a oralidade, pode-se dizer que a Abordagem Gramatical Normativa talvez não seja suficiente, pois não abrange determinadas situações e práticas linguísticas rotineiras dos falantes nativos.

Sendo assim, é provável que necessite andar em conjunto no com a Abordagem Gramatical Cognitiva Funcional, no ensino de Língua Inglesa através dos livros didáticos permitindo um novo e completo saber aos alunos em que eles aprendam de forma natural e se sintam confortáveis a utilizar o que aprenderam quando necessário e sem muitas complicações, provocando uma nova geração de adultos qualificados e desenvolvidos no que se diz respeito a comunicações internacionais, melhor qualidade de vida, entretenimento, viagens, recepção de estrangeiros e avanços empresariais.

O ato de ensinar uma língua estrangeira deve ampliar seus horizontes em busca de apresentar ao aluno, um ambiente novo, um contexto novo, de modo que o permita visualizar a nova língua em sua máxima totalidade enquanto aprendiz e ainda não inserido em meio a falantes nativos, de modo que ele sinta segurança ao falar e se torne um falante autônomo. Um dos grandes empecilhos, no que se trata de novo conhecimento cultural e contextual é a não imersão desses alunos.

Diante deste grande desafio, pode-se dizer que o livro didático, como principal mecanismo de estudo, indispensavelmente deveria buscar pontuar a maioria dos contextos, os quais o aluno pode facilmente alcançar um dia e não apenas prepará-los para ir bem nas futuras provas(bimestrais ou semestrais) que comportam o “inglês de livro didático” pouco abrangente.

A utilidade do ensino de Língua Inglesa que apenas inclui o também chamado “inglês de sala de aula”, é responsável pela ineficácia da preparação dos discentes que o estudam do 6º ano do Ensino Fundamental II até o 3º ano do Ensino Médio, e quando questionados sobre os seus conhecimentos, muitos relatam não saber muito ou simplesmente não saber. Isto se torna um déficit no aprendizado deles e uma pedra no sapato que, muitas vezes os fazem

recorrer anos depois a um curso privado e voltado para os fins que se fazem necessários para eles, seja conversação ou qualquer outro.

Encontrando um livro didático que aborda apenas a Gramática Tradicional, o aluno está se preparando para as próximas provas, em que será cobrado apenas o que estava exposto no livro e causando uma falsa sensação de conquista que, um pouco mais à frente poderá ocasionar a busca por um curso externo que ampliará(ou não, dependendo da instituição) os seus conhecimentos que poderiam ter sido ampliados durante os 7 anos em que teve um mínimo contato com a Língua Inglesa. Em muitos dos casos, estes alunos podem até mesmo serem enganados novamente com falsas promessas de se tornarem fluentes na língua em poucos dias por um determinado valor. Tudo começa com o livro didático e o que ele permite ao professor Vejamos, a seguir, os alicerces da nossa discussão.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Cezario e Cunha (2013), a Gramática é compreendida como um acoplado de processos necessários na elaboração e ordem de um discurso compreensível. Nota-se que a partir dessa citação, a Gramática pode ser vista como uma espécie de molde linguístico que possibilita o entendimento de fala, ou seja, ela ordena como e quando os termos devem ser usados a fim de proporcionar compreensão ao interlocutor.

De acordo com Barbosa (2018, p.17-18), o Funcionalismo, começou a ser discutido no Círculo Linguístico de Praga (1929), motivado pela necessidade de contemplar a fala e o discurso, ele se preocupa em observar a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que são usadas, percebendo que o uso linguístico pode acarretar mudanças na estrutura da língua. Observe:

As línguas são manifestações humanas, que no decorrer do tempo, sofrem modificações acarretando em seus processos de evolução diversificados usos oriundos das relações interpessoais, considerando também, os potenciais (co)produzidos nesses contextos nos quais a comunicação é o fator propulsor de sistematização linguística.(Barbosa, 2018, p.18)

Ao falar sobre a definição do que são as línguas, Furtado da Cunha, Bispo e Silva(2013) apud (Bybee, 2010), acabam por trazer concordância à citação anterior, dizendo que a língua pode ser maleável e simultaneamente composta de estilos que seguem uma determinada ordem:

“Língua é concebida como um sistema adaptativo complexo, uma estrutura fluida, constituída, ao mesmo tempo, de padrões mais ou menos regulares e de outros que estão em permanente emergência, à mercê de necessidades cognitivas e/ou intercomunicantes (Bybee,2010).

Ademais, os autores Furtado da Cunha, Bispo e Silva(2013) apud Votre(2002), também indicam que a língua em sua amplitude aborda formas e funções diferentes ao longo dos anos:

Daí dizer-se que, na língua, convivem, simultaneamente, formas que, com o tempo, tendem a assumir novas funções e feições e outras que, aparentemente, mantêm-se mais estáveis(Votre,2002)”.

De acordo com Martelotta(2011), os linguistas são estudiosos que não se detêm a estrutura linguística, mas procuram conhecer os “processos através dos quais essas várias línguas refletem aspectos universais essencialmente humanos” (p.16). Essa preocupação pode ser resumida como realidade linguística e assim como outras áreas de estudo e análise, a linguística conta com diferentes escolas teóricas e abordagens que procuram explicar o seu objeto de estudo e suas modificações, uma delas é o funcionalismo. O Funcionalismo Cognitivo traz o conceito de Linguística Funcional Centrada no Uso (LCFU), ou seja, diz que o conhecimento linguístico é adquirido através das experiências do ser e isso influencia diretamente como ele utilizará a língua, conceitualizado por Furtado da Cunha, Bispo e Silva(2013) apud Traugott (2015) :

Uma teoria linguística que pretenda descrever e explicar os fatos linguísticos com base no uso que dela fazem os indivíduos em suas interações verbais têm, necessariamente, que levar em conta as situações e os contextos comunicativos em que esse uso se atualiza. Diferentemente da Teoria Gerativa, que abstrai as condições reais de uso da língua ignorando a interferência dos fatores extralinguísticos na constituição da estrutura linguística, a Linguística Funcional Centrada no Uso concebe a gramática como resultado da estruturação de fatores cognitivos e comunicativos da Língua ( p.15).

Eles também explicam a Linguística Funcional como um estudo da união e não separação da língua e fala ou estrutura e contexto, que pode explicar a maneira como a língua sofre alterações e a motivação disto, trazendo conceitos como “simbiose entre discurso e gramática” (Furtado da Cunha, Bispo e Silva, 2013, p. 14) e ressaltam que os dois subsistem em conjunto enquanto um afeta o outro. Sendo assim, eles concluem que a visão do analista, pesquisador ou estudioso deve estar atenta a esta dupla:

A proposta é que o estudo do discurso e da gramática seja simultâneo, para que se possa entender como a língua se configura. Parte-se do princípio de que há uma simbiose entre discurso e gramática: o discurso e a gramática interagem e se influenciam mutuamente. A gramática é compreendida como uma estrutura em constante mutação ou adaptação, em consequência das vicissitudes do discurso. Logo, a análise de fenômenos linguísticos deve estar baseada no uso da língua em situação concreta de intercomunicação.(Furtado da Cunha, Bispo e Silva, 2013, p.14).

A Linguística Cognitiva igualmente exposta no livro, ressalta que as experiências do ser desde o seu primeiro contato com a Língua, compõem o aprendizado e suas escolhas durante o uso, relatando que os “esquemas cognitivos” participam ativamente deste processo seletivo existente na mente humana se tornando semelhante a outras habilidades cognitivas mesmo se tratando da organização expressiva e é inspirado pelo ambiente externo em que está inserido:

A Linguística Cognitiva, que também surge a partir da década de 1970, vê o comportamento linguístico como reflexo de capacidades cognitivas que dizem respeito aos princípios de categorização, à organização conceptual, aos aspectos ligados ao processamento linguístico e, sobretudo, à experiência humana no contexto de suas atividades individuais, sociointeracionais e culturais. Nesse sentido, as construções linguísticas são concebidas como esquemas cognitivos do mesmo tipo que encontramos em outras habilidades não linguísticas, ou seja, como procedimentos relativamente automatizados que se utilizam para realizar coisas comunicativamente. (...) Todos os elementos que compõem o processo que leva ao desenvolvimento de novas construções gramaticais surgem do uso da língua em contexto e envolvem habilidades e estratégias cognitivas que também são mobilizadas em tarefas não linguísticas. (Furtado da Cunha, Bispo e Silva, 2013, p.14).

Sendo assim, acredita-se através dos estudos funcionalistas que o discurso se sobrepõe a Gramática, de modo que ele pode ocasionar mudanças nela, pois a língua emerge à medida que é usada, caracterizando a gramática como mutável ao longo do tempo. Se o conhecimento é adquirido através do meio, as interações podem motivar transformações linguísticas, os contextos sociais passam a ter uma serventia de tamanho escalar e não devem ser excluídos do processo de aprendizagem da Língua Inglesa como Língua Estrangeira.

Broughton, et al., (1980), descrevem em *Teaching English as a Foreign Language* que a competência comunicativa não se trata de somente gramática. Ou seja, a autonomia linguística tão sonhada depende da ultrapassagem da estrutura gramatical a visualização contextual, especialmente no ensino de Língua Inglesa como Língua Estrangeira, pelo aluno estar distante fisicamente falando, do espaço em que se é utilizada a língua o tempo todo, isto causa uma maior dificuldade ao aluno e em consequência ao professor, aquele que deverá se esforçar para possibilitar a expansão contextual do seu ensino de modo que o aluno esteja um pouco mais imerso, consciente da cultura/contexto, preparado e confiante:

No que diz respeito ao aluno estrangeiro, a história da o ensino de línguas dá ênfase a uma gama muito limitada de competências que tem sido chamada de “inglês de sala de aula” ou “inglês de livro didático”, e muitas vezes tem se mostrado pouco útil para qualquer propósito comunicativo “real”. Isto é, enquanto o uso do inglês como língua estrangeira se limitou em grande parte a fins acadêmicos ou a áreas restritas como o comércio ou a administração, um domínio limitado da língua, principalmente na forma escrita, foi considerado razoável e adequado. . Mas nos tempos modernos, o mundo encolheu e, em muitos casos, a comunicação interpessoal é agora mais vital do que o uso acadêmico. É agora importante que o aluno esteja equipado com o domínio da língua inglesa, o que lhe permite

expressar-se oralmente ou por escrito numa variedade muito maior de contextos (Broughton, et al., 1990, p.35).

Deste modo, permite-se identificar uma ligação entre Martelotta, Furtado da Cunha, Bispo, Silva e os escritores de *Teaching English as a Foreign Language* ao perceber a semelhança quando todos relatam que além da estrutura gramatical (Gramática Tradicional), a realidade ou teoria dos usos é significativa. Por conseguinte, o anteriormente citado “inglês de livro didático” deveria comportar estes valores. No próximo tópico, verificamos isto.

## METODOLOGIA

Para a elaboração e desenvolvimento desta pesquisa, analisamos a estrutura das unidades e atividades encontradas em *Way to English* (Franco e Tavares, 2018) em comparação a *Hello!* (Morino e Faria, 2019), tendo ambos os livros lado a lado, pretendemos analisar e comparar suas estruturas página por página, buscando perceber a eficiência ou carência em contemplar a Gramática Normativa unida a Gramática Funcional (diferentes contextos sociais), em conformidade com o que diz Broughton, et al., (1990) acerca da capacidade proporcionada de comunicação real.

**Figura 1-** Livros Analisados



**Fonte:** imagens encontradas em [www.camaleo.com](http://www.camaleo.com) e [www.amazon.com.br](http://www.amazon.com.br).

Partindo dos conceitos apresentados no *Manual da Linguística* (Martelotta, 2011) acerca do funcionalismo, procuramos conhecer a relação entre a gramática e o uso real da língua, que deveria estar essencialmente presente nos livros didáticos analisados e citados anteriormente, os quais estão sendo utilizados no decorrente ano e possuem suas disparidades. De modo que, podemos notar que cada livro tem à sua maneira própria de pontuar os conteúdos e fluidez gramatical que seguindo as linhas de raciocínio apresentadas em

*Linguística Centrada no Uso* (Furtado da Cunha, Bispo e Silva, 2013), parte da nossa investigação, unem ou não as estruturas e suas funções, podendo ou não encarar o uso como prioridade.

Ao consultar o tópico *Why do we teach english?* e “*Acquiring communicative competence*” do livro *Teaching English as a Foreign Language* (Broughton, et al., 1980) se torna possível afirmar que o ensino de língua inglesa (ou qualquer outra língua) pode ser transformado em treinamento, quando tem seus esforços concentrados apenas no contexto em que o aluno está inserido, talvez formalmente, a fim de usar seus conhecimentos no trabalho. Quando treinado, o ser humano se contém a uma só forma de habilidade/uso.

A busca pelo Ensino de Inglês para fins específicos, tem aumentado e se feito necessário quando um falante de qualquer outra língua, conquista um emprego em um espaço, cidade ou estado em que a língua oficial é o Inglês. Então, essa busca e necessidade se tornam totalmente válidas, porém, até mesmo alunos nessas condições necessitam de se comunicar no dia a dia, mantendo contato com vizinhos, amigos e etc. Pode-se dizer que esta não é a realidade da maioria dos alunos que se interessam em aprender Inglês.

Portanto, o ensino de Língua Inglesa deve ser maleável e integral(união gramatical normativa e funcional) buscando ajudar o aluno a se tornar um falante autônomo em diversos contextos e áreas, possibilitando conforto e bem-estar diante de grande parte das situações quando vividas pela primeira vez em contraste ao desespero que pode acontecer em virtude da falta de preparo existente.

Vale dizer que, mesmo em busca de ampliar os horizontes dos alunos e procurar prepará-los da melhor forma, a aleatoriedade e espontaneidade da rotina diária ainda pode os surpreender. Se mesmo preparados, eles podem ser surpreendidos, sem nenhum preparo e conhecimento prévio cultural, eles ficarão atônitos em todo o tempo, um indicador negativo de que há uma lacuna de aprendizagem no ensino de línguas para o sistema educacional brasileiro. Os resultados dessa pesquisa nos ajudarão a falar mais a respeito dessa falha em relação ao essencial: a comunicação.

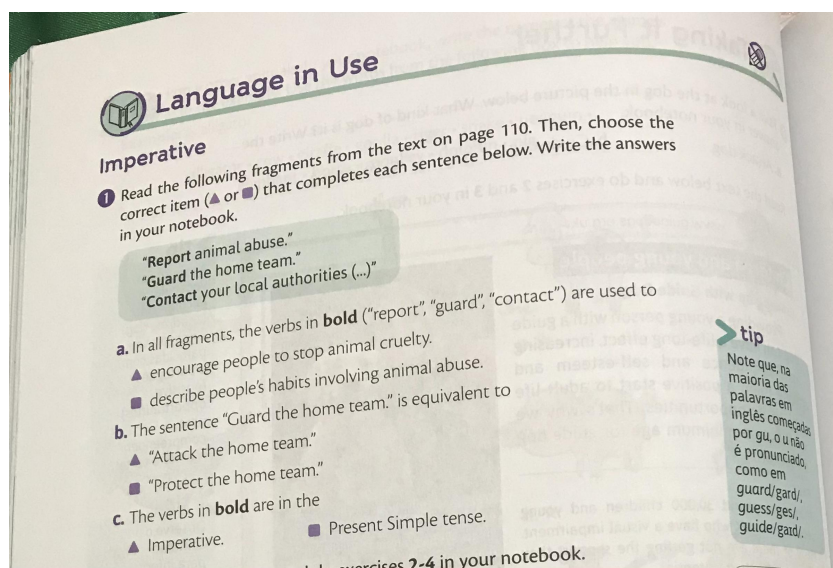
## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A partir da observação e análise minuciosa dos conteúdos justifica-se que a Gramática Cognitiva Funcional quase não tem lugar nos livros didáticos e a Abordagem Gramatical Normativa nunca é esquecida, contrariando o que Furtado da Cunha, Bispo e Silva(2013), reiteram dizendo que o discurso e a gramática subsistem unidos e afetando um ao outro de

acordo com os contextos sociais, falando de Linguística Funcional, e seguindo os esquemas cognitivos do ser humano, falando de Linguística Cognitiva.

Encontramos em cada unidade do livro “Way to English” (Franco e Tavares, 2017), um tópico nomeado “Language in Use”, resumindo superficialmente alguns usos da língua inglesa, mas sempre respeitando a gramática normativa preexistente, sem nem ao menos citar usos reais ou modificações que possam acontecer na língua, uma abordagem pode-se dizer que mais do que superficial.

**Figura 2** – Tópico *Language in Use*



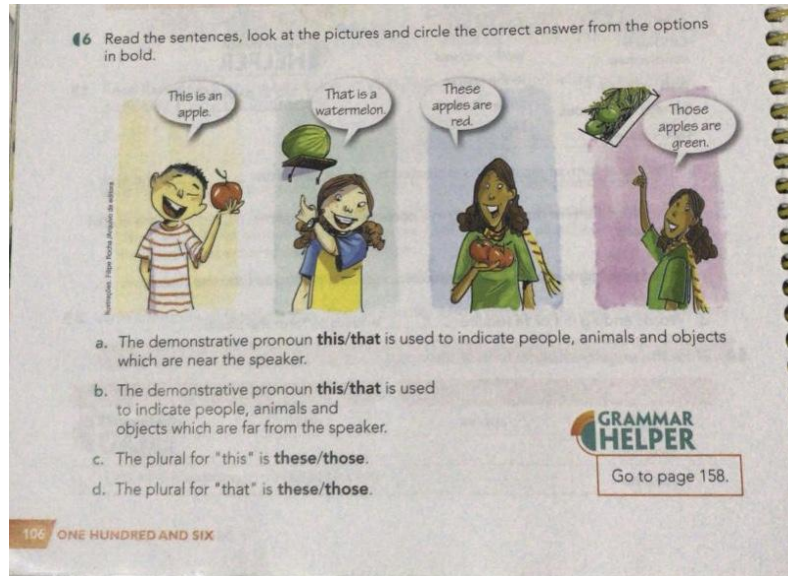
**Fonte:** Franco, Cláudio de Paiva; Tavares, Katia Cristina do Amaral. **Way to English:** For Brazilian Learners. 2ª edição. ed. São Paulo: Editora ática, 2018. ISBN 978-85-08-19121-5.

Nas unidades de “Hello!” (Morino e Faria, 2015), temos uma explanação concisa e sistemática que se assemelha ao que chamamos de “Gramática Normativa”, que concerne a um conjunto de regras que compõe o sistema de uma língua e gerencia o que é aceito formalmente e o que não é. A mesma se restringe a elementos como radicais, afixos, classificações de palavras, a estrutura da língua em si e como ela caminha.

Também chamada de Gramática Tradicional teve sua origem dada por filósofos gregos e não consegue explicar o funcionalismo, que surgiu posteriormente dado a nova demanda de explicações linguísticas que diante das mudanças no mundo surgiram.

**Figura 3** – Atividade

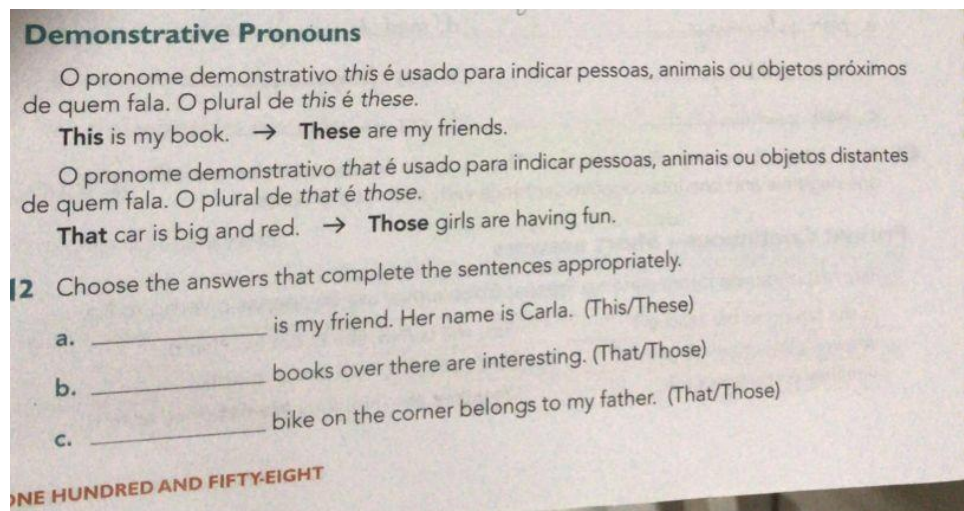




**Fonte:** Morino, Eliete Canesi; Faria, Rita Brugin. **Hello!**: Teens. 8ª edição. ed. [S. l.]: Ática, 2019. 176 p. ISBN 8508193327.

Vemos a Gramática Tradicional em grande escala nas atividades propostas pelo livro, e também nas páginas chamadas: *Grammar Helper*. Elas prometem ajudar o aluno em relação a tais regras e as explicam detalhadamente:

**Figura 4 – Grammar Helper**



**Fonte:** Morino, Eliete Canesi; Faria, Rita Brugin. **Hello!**: Teens. 8ª edição. ed. [S. l.]: Ática, 2019. 176 p. ISBN 8508193327.

O método utilizado em nossa pesquisa foi eficaz por trazer respostas e reflexões a respeito da abordagem gramatical sistemática no livro didático e até onde ela tem se tornado

cognitiva e funcional. Apesar do livro *Hello!* de Franco e Tavares(2018), não desenvolver uma abordagem cognitiva e funcional, constata-se que a necessidade em aprender a utilizar a língua no dia-a-dia é reconhecida, porém ainda pouco explorada. O tópico que a deveria explicar, apenas explana poucas situações do cotidiano que não envolvem alteração gramatical e podem até conter termos semelhantes a placas que encontramos na rua. Enquanto, Barbosa(2018), anteriormente citado, afirma que a língua sofre modificações provenientes da comunicação e não é imutável assim como muitas vezes é exposta erroneamente, provocando um aprendizado insuficiente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se que a Gramática Normativa ou Tradicional, é mais frequente do que a Gramática Centrada no Uso em todos os livros analisados durante nossa pesquisa, que vale ressaltar ter sido excepcionalmente interessante por discorrer sobre um assunto presente no dia a dia do ser humano e não muito privilegiado no que se diz respeito a discussões sobre avanços linguísticos e educacionais. Por ser mais antiga e trazer a falsa visão de um panorama completo da Língua, a Gramática Tradicional ou Normativa não perde a sua importância, mas recorre a um complemento, contexto ou cultura que está estritamente ligado a ela no que se diz respeito a mudanças ou variações linguísticas, que não podem permanentemente serem excluídas por estarem tocando na estrutura gramatical inevitavelmente e frequentemente, exigindo do falante estrangeiro uma percepção para além da Gramática Tradicional que até então, ainda ocupa o maior espaço.

Nossa pesquisa constatou que a maioria das abordagens gramaticais encontradas nos livros didáticos não se aproximam da Gramática Funcional e suas concepções totalmente exemplificadas por usos reais e jamais inventados. Evidenciando a falha no ensino da Língua Inglesa e talvez promovendo um aprendizado incompleto para os alunos que sentirão as consequências disso quando em meio a contextos diferentes do que estavam acostumados a enxergar nos livros.

Consideramos ainda que a quase imperceptível perspectiva funcional (teoria do uso) presente no livro didático significa uma “luz no fim do túnel”, uma esperança ou também uma porta que a educação abriu para a Gramática Funcional trabalhar em conjunto com a Gramática Tradicional, ela que por muito tempo foi vista como a integralidade da língua, a estrutura completa, passa a ser essencial, mas não integral. Assim como a Funcional que influencia diretamente essa estrutura. Portanto, essa união normativa e funcional

provavelmente crescerá nos próximos anos, tendo em vista que encontramos no livro didático os tópicos nomeados “language in use”, mesmo que não muito proveitosos, mas a necessidade de contemplação da língua em uso têm se feito presente.

A Gramática Funcional se torna indispensável no ensino de Língua Inglesa por vários motivos, causas e benefícios, sendo assim a Educação necessita desta união normativa e funcional. Vale ressaltar que novas pesquisas devem surgir nesta área, a fim de se fazer ouvir e conhecer mais sobre as teorias funcionalistas e o quanto elas podem contribuir para um melhor desenvolvimento de ensino e capacitação, possivelmente explorando a carência contextual que existe em nosso meio e a tornando em conhecimento.

Acreditamos que o resultado encontrado seja apenas o início do início de uma mudança da abordagem gramatical do livro didático que poderá transformar a realidade, compreensão, cognição, autonomia, confiança e comportamento de milhares em relação à Língua Inglesa.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos professores: Jackson Cícero França Barbosa, Anilda Costa Alves, Waldir Kennedy Nunes Calixto e Paulo Vinícius Ávila Nóbrega pelo apoio, ajuda e incentivo de sempre.

Agradeço à minha família, a família que realmente ajuda, protege e se faz presente quando preciso. A família que motiva, que abraça depois da tempestade, a família que é mais do que nome e sangue: A família que ama!

Essa pesquisa é o início de uma longa e vitoriosa jornada, e por se tratar de início, quem muito me ensina sobre início(sem nem imaginar), são as “minhas” crianças, a quem eu também devo agradecer... Isaac, Théo, Ágatha, Abner e Maria Vitória, “Livinha” ama vocês!

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, J. C. F. Pressupostos teóricos funcionalistas. In: \_\_\_\_\_. **Percorso funcional da modalização em artigos científicos**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Linguística. João Pessoa: UFPB, 2018. p. 17-37.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.
- BROUGHTON, Geoffrey; BRUMFIT, Christopher; FLAVEL, Roger; HILL, Peter; PINCAS, Anita. **Teaching English as a Foreign Language**. 2 edição. ed. USA and Canada: Routledge, 1980. 257 p. ISBN 0-203-41254-0.
- BYBBE, J, **Morphology**. Amsterdam: John Benjamins, 1985.
- FRANCO, Cláudio de Paiva; TAVARES, Katia Cristina do Amaral. **Way to English: For Brazilian Learners**. 2º edição . ed. São Paulo: Editora ática, 2018. ISBN 978-85-08-19121-5.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZÁRIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (orgs.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro : Maud X/FAPERJ, 2013. p. 13-35.
- MARTELOTTA, Mario Eduardo, (org.). **Manual da Linguística**. 2 edição – São Paulo: Contexto, 2011. 250 p. ISBN 978-85-7244-386-9
- MORINO, Eliete Canesi; FARIA , Rita Brugin. **Hello! : Teens**. 8º edição . ed. [S. l.]: Ática, 2019. 176 p. ISBN 8508193327.
- TRAUGOTT, E. C. **Exaptation and grammaticalization**. In: AKIMOTO, M. (Ed.) *Linguistics studies based on corpora*. Tokyo: Hituzi Syobo Publishing company, 2004.
- VOTRE, S. J. **A perspectiva pancrônica da integração função-forma na sintaxe do português**. Cadernos do CNFL(Uerj), n. 2, p.71-87, 2000.